



Valdir Neves começou a trabalhar em pedreira em 1990. Nunca usou proteção. Hoje, sofre de silicose e surdez. “O médico achou pó de pedra no pulmão”



MORTE SILENCIOSA

A SILICOSE, TAMBÉM CHAMADA DE “PULMÃO DE PEDRA”, É UMA DOENÇA GRAVE QUE AFETA TRABALHADORES E NÃO TEM CURA

REPORTAGEM **PATRIK CAMPOREZ**
pmacao@redgazeta.com.br

FOTOGRAFIA **MARCELO PREST**
mprest@redgazeta.com.br

DIAGRAMAÇÃO **ADRIANA RIOS E EDSON DE MELO**

É início da manhã de 8 novembro de 2016, em Barra de São Francisco, Noroeste do Espírito Santo, um dos principais polos de extração de rochas ornamentais do país, localizada a 250 quilômetros de Vitória. Na sede do sindicato que representa os trabalhadores da categoria (o Sindimármore), uma fila de homens está formada para receber atendimento jurídico. São operários e ex-operários, que depois de dedicar a vida inteira à atividade nas pedreiras foram diagnosticados com doenças crônicas, muitas fatais. E a enfermidade que mais preocupa é a silicose, que não tem cura. Também conhecida por “pulmão de pedra”, a doença já atinge pelo menos uma centena de trabalhadores apenas no Norte do Espírito Santo, segundo o sindicato. Em Barra de São Francisco, 70 trabalhadores com silicose estão entrando com ações na Justiça para tentar se aposentar ou receber indenização das empresas, sendo que 12 novos casos da doença foram descobertos só em 2016.

Advogada do Sindimármore, Amanda

Macedo Torre Moulin acompanha há anos trabalhadores com silicose. Ela explica que a incidência da doença é maior nas pedreiras do Norte do Estado, onde o granito explorado contém alta concentração de sílica. Como a doença só se manifesta depois de dez a

“Foi ficando amarelinho, até morrer”

O marido de Sueli (ao lado da filha e da neta) morreu em 13 de setembro de 2015, de silicose



15 anos de exposição, os primeiros doentes começaram a aparecer somente na última década, e hoje já há casos em quase todas as vilas de trabalhadores. “O pó de pedra é respirado diariamente nas pedreiras e petrifica o pulmão dos trabalhadores, que fica igual a uma rocha. O trabalhador com a doença, o silicótico, dificilmente chega aos 60 anos”, explica Amanda. Uma das consequências da silicose é a perda da disposição para fazer atividades físicas mais simples. A doença é lenta, porém progressiva, e abre caminho para outros males, como a tuberculose. Duas pessoas morreram de silicose em 2016 somente em Nova Venécia, segundo o sindicato. Mortes recentes também foram registradas nas regiões de Vila Pavão e Barra de São Francisco. A doença só é descoberta através de exames específicos no pulmão. Quem recebe o diagnóstico é afastado do trabalho.

CONSEQUÊNCIAS

O pneumologista Valdério do Valle Dettoni já cuidou de cerca de 60 operários que adoeceram de silicose nas pedreiras do Norte do Estado. Por isso conhece como poucos os efeitos da doença no organismo e também no meio social onde vivem os trabalhadores. Segundo o médico, além de não ter tratamento, a silicose pode ser progressiva mes-

NÚMEROS DO SETOR DE ROCHAS

80,94% é a fatia capixaba nas exportações em relação ao país em 2016

120 países importam as rochas brasileiras

20 mil pessoas são empregadas no ramo de rochas no Espírito Santo

1,8 mil empresas atuam no setor de mármore e granito no Estado

US\$ 1,1 bilhão. É o total das exportações brasileiras em 2016



Claudio, Manoel Moreira e Manoel Rodrigues trabalhavam em pedreiras. Hoje buscam atendimento nos hospitais de Vitória

**“ Eliezer Ivo
47 anos**

Sentia cansaço, dor nas pernas. O perfume das pessoas era suficiente para me dar enjoo. Hoje, nem escada subo direito. Trabalhava de bermuda, sem máscara, nem nada. Em 2005, a empresa colocou sistema umidificado, mas parou de fornecer máscaras. Foram 15 anos trabalhando sem proteção.”



mo depois que o operário se afasta do trabalho. “A poeira que ele inala vai ocasionar uma ação inflamatória pulmonar, e esse processo reduz a capacidade de oxigenação. Começa a sentir cansaço para fazer coisas grandes, depois vai sentindo cansaço cada vez maior para coisas menores, até que começa a cansar para andar. A doença vai progredindo e pode chegar a uma limitação grave e à incapacidade total”, explica.

Depois de trabalhar duas décadas no setor, Luiz Carlos De Angeli, 55 anos, tem convivido com a dor de perder colegas de trabalho para a silicose. Morador de Nova Venécia, ele mesmo também foi diagnosticado com a doença e hoje vive de aposentadoria. “Vi dezenas de amigos meus morrerem, e hoje eu estou nessa situação de não conseguir caminhar dez minutos. O corpo fica pesado”, afirma. A silicose é causada pela aspiração de pequenas partículas de pedra que se infiltram nos pulmões, comprometendo o aparelho respiratório.

“Meu marido tinha uma tosse que nada cortava. Até que deu uma crise e levaram ele para o hospital. Como melhorou, voltou a trabalhar, sempre andando devagar e reclamando da canseira. Um dia sentiu uma dor muito forte, insuportável. O caso era muito grave. A silicose já tinha empedrado o pulmão dele”, lembra Sueli Mendes Rodrigues, de 42 anos. Ela conta que, quando a doença se manifestava, a família tinha que correr para o hospital. “Uma vez ele ficou três dias com febre. Quase morreu. Ficava amarelo”.

Elio Braz faleceu em 13 de setembro de 2015, com 43 anos. Segundo Sueli, a doença foi evoluindo. “As bolhas no pulmão dele estouravam e causavam taquicardia. Ficamos 32 dias no hospital, ele foi piorando e não conseguia andar mais. Foi ficando amarelo e desnutrido”.

Operário em Barra de São Francisco,

“ A empresa nunca deu máscara, até que costurei uma, de espuma. Mesmo assim, no fim do dia, tinha raspas de pedra dentro do meu nariz”

— VALDIR NEVES 54 ANOS

Élio foi “tudo” na pedreira: de ajudante a maçarico e marteleiro. “Ele era menor de idade quando começou a trabalhar em pedreira. Adorava trabalhar. Chegava em casa branquinho de poeira. A maioria que trabalhava na pedreira com ele também está condenado a morte”, lamenta Sueli, que viveu 21 anos ao lado do marido.

A doença ataca principalmente os trabalhadores que atuam como marteleiro, perfurando pedras, e passaram anos atuando em meio a nuvens de poeira sem usar máscara. Segundo um estudo da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes), feito com trabalhadores do setor de rochas em Cachoeiro de Itapemirim, no Sul capixaba, 76,5% dos entrevistados se encontram expostos à poeira advinda do processo produtivo. O trabalho a longo prazo nas pedreiras, sem uso de equipamentos de proteção, é visto pelo sindicato como uma “máquina de fazer doentes ocupacionais”.

A cada vila ou comunidade percorrida, as histórias de dor e abandono das vítimas parecem se repetir. Eliezer Ivo de Medeiros tem 47 anos, dos quais 23 foram dedicados à pe-

dreira. Há três anos está “encostado”. Os sintomas começaram com cansaço e dor nas pernas. Não podia pegar peso porque ficava todo quebrado. O perfume das pessoas já era suficiente para provocar enjoo e causar incômodo. “Hoje, não consigo andar rápido. Nem escada subo direito. Trabalhava de bermuda, sem máscara, nem nada. Em 2005, a empresa colocou o sistema umidificado, mas parou de fornecer as máscaras”, denuncia ele, que hoje vive com auxílio-doença do INSS. Em Vila Paulista, distrito de Barra de São Francisco cercado por dezenas de pedreiras, toda família conhece algum caso para contar. Valdir Neves Pereira era marteleiro, atuou 18 anos nas pedreiras da vila. Hoje, tem 54 anos, mas já não consegue trabalhar e anda com muita dificuldade. “Nunca recebi nenhuma indenização. A firma me abandonou e ainda cortou meu plano de saúde. O encarregado queria me demitir depois que começou a perceber que eu estava sem forças. Dizia que eu estava com moleza, e que era fraco e estava fazendo corpo mole para não trabalhar”, destaca.

Em um intervalo de menos de oito anos, Valdir viu pelo menos dez vizinhos seus adoecerem de silicose. “Muita gente não consegue trabalhar, fica impotente e entra em depressão. Meu pulmão aos poucos também foi ficando igual a uma pedra”, relata ele, que luta na Justiça para receber R\$ 98 mil de indenização das quatro empresas onde trabalhou. Além da silicose, o operário foi afetado pela surdez, por causa do barulho intenso das explosões e furadeiras. “Trabalhava do nascer ao pôr do sol. Como a empresa nunca deu máscara de proteção, eu mesmo resolvi costurar uma máscara de espuma. Mesmo assim, no fim do dia, tinha raspas de pedra dentro do meu nariz”, completa ele, que se diz arrependido de ter saído da roça para trabalhar na pedra. “Estou inativo, condenado para o trabalho”.

**“ Luiz Carlos De Angeli
55 anos**

Já perdi dezenas de amigos que trabalhavam no granito. Foram morrendo um a um, por causa da silicose. Em Nova Venécia, os trabalhadores contabilizam 100 casos da doença. Eu mesmo fui diagnosticado, e hoje tenho dificuldade para andar e me aposentei. Espero que não chegue a minha vez.”



G NO GAZETA ONLINE
Confira vídeos com depoimentos de trabalhadores diagnosticados com silicose no Norte do Estado. Veja também uma galeria de fotos.

CONDENADOS PARA O TRABALHO

*QUANDO DIAGNOSTICADOS COM SILICOSE,
TRABALHADORES PRECISAM SE AFASTAR
IMEDIATAMENTE DAS PEDREIRAS*

Além da perda da capacidade de esforço, o silicótico tem risco aumentado para doenças como tuberculose. Quando um paciente é diagnosticado, precisa se afastar imediatamente da pedreira, fica condenado para o trabalho. Aí começam os problemas sociais. “Na região onde eles vivem, a oferta de trabalho está nas pedreiras. A maioria não sabe fazer outra coisa, a não ser voltar para a roça. Alguns voltam, mas são poucos. Eles ficam nesse dilema, não podem se aposentar por invalidez mas não sabem trabalhar em outra coisa”, explica o pneumologista Valderio do Valle Dettoni. Ao ficar sem emprego e sem aposentadoria, os trabalhadores começam a ter problemas financeiros, sofrendo “estresse imenso”. Estudioso do assunto, o pneumologista ressalta que há registro de silicose entre cavadores de poços no Ceará, entre os mineiros do carvão em Santa Catarina, e casos no trabalho de jateamento de areia de navios cargueiros (atividade já extinta), todos relacionados à exposição a poeiras com concentração de sílica. “Quanto à silicose nas pedreiras de granito no Espírito Santo, não se tem muito conhecimento ainda”, reconhece Valdério.

Assim que o trabalhador é diagnosticado pela silicose, passa a ser tratado pelos empregadores de pedreira como um condenado, sem serventia para o trabalho. Quem diz isso é a Fundacentro (fundação nacional que atua na promoção da segurança do trabalho no Estado), sindicalistas e os próprios trabalhadores ouvidos pela reportagem. Um ex-gerente de vendas de explosivos e ex-encarregado de pedreira, que pediu para não ser identificado por questão de segurança, conta que a ordem era clara sobre a contratação. “As empresas que eu representava diziam que era para eu não contratar pessoas com a doença, pois elas são inválidas e não vão dar lucro. Aqui, aparece um caso de silicose atrás do outro”. O ex-gerente vai além, diz que as firmas não contratam quem tem mais de oito anos de trabalho em pedreira, porque sabem que o risco delas terem silicose é muito alto. “Antes do sindicato detectar essa ‘epidemia’, as empresas já sabiam desse problema grave, mas preferiram ficar em silêncio”, completa ele, que deixou o ramo há poucos anos, por se dizer inconformado com a quantidade de vítimas. A entrevista foi colhida em Vila Paulista, onde há a confirmação de pelo menos 30 casos de silicose.



“O pó de pedra é respirado diariamente e petrifica o pulmão dos trabalhadores. A incidência é maior do Norte do Estado”

—
AMANDA MACEDO
ADVOGADA DO SINDIMÁRMORE



“Já atendi de 50 a 60 trabalhadores. Dois já morreram, e um estou tentando encaminhar para transplante de pulmão”

—
VALDÉRIO DETTONI
PNEUMOLOGISTA



DOENÇAS RESPIRATÓRIAS AFETAM COMUNIDADES

/// Moradora de Alto Gironda, comunidade de Vargem Alta, no Sul do Estado, Maria José Cardoso não sabe o que é viver sem poeira de calcário e pó de pedra entrando pelas gretas das janelas e portas da casa simples da família. A neta dela, Mikaeli Cardoso Peixoto, de 1 ano e 9 meses, desde quando nasceu adquiriu complicações respiratórias, assim como a filha Ingrid, hoje com 18 anos. “Tenho dois netos com bronquite e problemas relacionados à alergia com poeira de calcário. Ficam cansados. Respiram fundo mas o ar não vem. Quatro pessoas da família fazem tratamento médico por isso”, relata. Na comunidade, as nuvens de poeira são percebidas a quilômetros de distância. E foi lá que um estudo da

Fundacentro foi realizado, a pedido do Ministério Público do Trabalho (MPT) e do Sindimármore. A instituição descobriu que comunidades inteiras do Sul do Estado, assim como os trabalhadores do setor, estão adoecendo por causa do pó de pedra e de calcário. O problema maior está nas indústrias de moagem de rocha calcária, que usa matéria-prima proveniente das jazidas de mármore e do aproveitamento dos seus resíduos.

A fundação mapeou as condições de trabalho em 36 empresas de Cachoeiro, Vargem Alta e Castelo. Juntas, são responsáveis pela produção anual de 2,3 milhões de toneladas de calcário, processo que envolve 1,4 mil trabalhadores. Identificou que a maior parte dessas empresas está perto de áreas urbanas e não contavam, na época das visitas, com controle de emissão de poeira. De acordo com a pesquisa, vários trabalhadores estão contaminados ou já apresentam doenças respiratórias graves. Foram avaliados 246 trabalhadores - por meio de histórico ocupacional, exames de espirometria e

ESTADO COBRA CONTA DE EMPRESAS

Na tentativa de reverter parte dos custos milionários pagos em indenizações por acidente de trabalho, o Instituto Nacional do Seguro Social (INSS) tem processado as empresas, por meio das chamadas ações regressivas. Há 330 processos em aberto no Espírito Santo, de acordo com levantamento feito a pedido de A GAZETA. Somente por meio das ações regressivas ajuizadas contra as empresas do setor de mineração, o INSS pretende pedir o ressarcimento de aproximadamente R\$ 20 milhões. Ao todo, são 62 ações em andamento. “Além disso, devemos considerar não apenas o aspecto quantitativo desses acidentes, mas também o qualitativo, visto que o setor de mineração apresenta um grau de letalidade muito expressivo, ou seja, boa parte dos acidentes ocorridos culminam na morte de algum trabalhador”, destaca Fernando Maciel, procurador federal e coordenador da ETR-Regressivas em Brasília.

Para Fernando, muito mais do que um instrumento de cobrança, as ações regressivas acidentárias do INSS possuem eficácia punitivo-pedagógica que contribui para a prevenção de futuros acidentes de trabalho. “Isso porque os empresários se dão conta de que é muito mais lucrativo investir em medidas de saúde e segurança do trabalho do que correr o risco de serem condenados a ressarcir toda a despesa que o

INSS venha a suportar com um benefício concedido em virtude de um acidente do trabalho”, diz ele, que reforça que, só o setor de mineração responde por aproximadamente 20% das ações regressivas ajuizadas no Estado.

Chefe de serviço de saúde do trabalhador do INSS no Estado, o médico Juliano Pina também destaca que é alto o volume de acidentes e indenizações no setor de mármore e granito, “muito acima da média. A maioria dos casos que chega para a gente são fraturas e traumatismos cranianos”, diz. Para o perito, os acidentes acontecem por falta de uso de equipamentos de proteção individual e de condições mínimas de segurança do trabalho. A maioria dos casos são acidentes típicos, ou seja, acontecem no ambiente de trabalho. “As pessoas trabalham em locais altos, sem a proteção adequada, e tem ainda a questão dos explosivos e queda de barreiras porque não fazem a contenção necessária. Devido à gravidade, esses acidentes geram incapacidade permanente, amputação de braços e pernas e fraturas expostas”.

Nas pedreiras, os trabalhadores se dividem em funções como operador de martelo (marteloteiro), cabo de fogo (cabuqueiro), operador de fio diamantado (fiolista), manobreiro (manobrista). Os marteloteiros são responsáveis pela limpeza da pedreira, retiram das rochas suas imperfeições para que o terreno, antes acidentado, seja transformado numa plataforma lisa ou “prancha”. Em seguida, perfuram a “prancha” com o martelo para possibilitar a instalação das hastes do aparelho de fio diamantado – trata-se de um equipamento relativamente novo introduzido no setor e que realiza o corte da pedra –, que auxiliam na extração dos blocos. Os trabalhadores acabam tendo contato direto com a poeira, o barulho e a trepidação que são emitidos pelo martelo.

20

MILHÕES DE REAIS

É quanto o INSS pretende pedir de ressarcimento às empresas do setor de mineração por meio de ações regressivas ajuizadas. Ao todo, são 62 ações em andamento na Justiça.



Trabalhador perfura a rocha sem utilizar máscaras de proteção, em pedreira do interior de Cachoeiro

raio-X de tórax - e identificadas necessidades urgentes nas mudanças das condições de trabalho. “Observamos excesso de sintomas respiratórios, como tosse, catarro, falta de ar e chiado, além de bronquite crônica e doenças pulmonares crônicas”, diz a fundação.

Por ter trabalhado 29 anos na extração de mármore, o ex-operário José Marcos Apolo, de 57 anos, carrega no corpo marcas de acidentes e no peito “a doença do pulmão de pedra”. Uma cicatriz maior chama nossa atenção. “Quase perdi um braço em uma roldana de arame. Trabalhei muito tempo sem carteira assinada, vi muita gente morrer nas pedreiras. Também trabalhei com calcário e tudo o que você possa imaginar que tenha relação com as pedras”, diz o trabalhador Nelson Armani, que hoje vive em Gironda. Ele ainda lamenta: “Nunca usei máscara, nem qualquer proteção. Por isso, hoje me sinto um condenado para fazer qualquer tipo de atividade. Não usei, também, porque as empresas não forneciam o equipamento”.



Maria mostra medicamento dos netos. A poeira ronda a vila de Alto Gironda, em Vargem Alta



SINDIROCHAS

Por nota, o Sindicato da Indústria de Rochas Ornamentais, Cal e Calcários do Espírito Santo (Sindirochas) disse que as empresas do setor investem em “tecnologias, processos, no meio ambiente do trabalho e em treinamentos, sempre com o objetivo de cuidar da segurança do trabalhador”. Quanto às mortes, a entidade diz que trabalha para que o setor tenha índice zero de óbito. O Sindirochas defende que não há justificativa para a ocorrência de mortes decorrentes de acidente num ambiente de trabalho. “A vida é preciosa e única”, diz a nota. A entidade patronal destacou ainda que vem se mantendo “ativa” na realização de treinamentos e palestras destinadas à capacitação e qualificação dos trabalhadores, sendo que, no período de 2010 a 2016, foram treinados 13.728 funcionários do setor, por meio de centenas de treinamentos e palestras.